

## O CABOCLO NO SUDOESTE DO PARANÁ: SUA IDENTIDADE E MEMÓRIAS TOMBADAS

Moacir Motta da Silva\*

**Resumo:** Dentro do histórico de ocupação das terras do sudoeste paranaense, a figura do caboclo soa como importante peça para a reestruturação e reorganização do espaço. Compreendendo esta importância ressalta-se o processo de esquecimento de sua memória, cujas relações de dominação e superioridade de algumas culturas ainda mais aceleraram este processo. Porém desconhecer ou desconsiderar a presença dos caboclos no sudoeste do Paraná é adotar um entendimento de território sem abranger o todo, a história, a cultura, o processo de construção da infraestrutura presente até hoje.

**Palavras-Chave:** Caboclo, Memória, Sudoeste do Paraná.

**Summary:** In the history of occupation of land in southwestern Paraná, the figure of half-breed sounds like an important piece to the restructuring and reorganization of space. Understanding this importance and highlight the process of forgetting his memory. The relations of domination and superiority of some cultures further accelerated this process, but ignore or discount the presence of shifting cultivators in southwestern Paraná is adopting an understanding not cover the whole territory, history, culture, the process of building the infrastructure present today.

**Keywords:** Caboclo, Memory, southwestern Paraná

### Introdução

É fato evidente que a colonização de imigrantes provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina transformou em grande relevância o espaço geográfico do sudoeste paranaense. De imediato, ao chegar nas “novas terras” comunidades surgiram, cidades, de acordo com os recursos e moldes culturais de então. Estas contribuições são continuamente lembradas, inclusive em elementos da cultura sudoestina. Porém, estas transformações provocaram a supressão dos moradores que já habitavam esta região até então: os caboclos. Os traços culturais europeus anexados à cultura brasileira ocasionaram a exclusão da figura social do caboclo.

Para compreender este fenômeno, é necessário remontar a ocasião da abertura das imigrações ao Brasil. O primeiro ponto foi sem dúvida a regulação da mão de obra na economia brasileira, abalada devido à abolição da escravidão. O segundo ponto era a própria ocupação e produção do espaço brasileiro, pois segundo o princípio romano do *uti possidetis*, a posse da terra se dá para aqueles que efetivamente a utilizavam, e o Brasil com seu grande território necessitava de pessoas para produzir a mesma e assegurar a sua posse. O terceiro

---

\*Formado em Historia. Mestrando em Historia pela Universidade de Passo Fundo.  
Contato:pmgsb@ampernet.com.br. Recebido em: 11/05/2012. Aceito em: 22/05/2012

ponto se referia a um “branqueamento” da população, para se equiparar aos moldes europeus, que era segundo Romani “muito popular entre os intelectuais latino-americanos naquela virada de século, a Eugenia atribuía características às diversas raças, sempre colocando o branco europeu no topo da pirâmide evolutiva” (ROMANI. 2009 p.06-07). Sob esta ótica a figura do caboclo era praticamente combatida, além de ser marginalizada.

Claramente evidencia-se um grande choque cultural entre os ideais caboclos e o perfil da sociedade brasileira de então, baseado na influência européia. A marginalização da figura do caboclo foi inevitável, pois de um lado evidencia-se a concepção do trabalho capitalista, visando excedente e lucro, e por outro lado o caboclo, interessado apenas na sua subsistência.

A visão permeada do caboclo logo transpareceu como não contribuinte para o “progresso” da sociedade. Steca e Flores apontam que os caboclos: “[...] pouco faziam além de prover às suas próprias necessidades imediatas. Faltavam meios de transporte e de comunicação com o mundo exterior” (STECA. FLORES, 2002, p.53). Nestes termos, ressalvas para a figura peculiar do caboclo, desenvolvida no decorrer da pesquisa.

## A Identidade do Caboclo

No meio científico brasileiro, várias explicações e definições surgiram em relação à denominação do “caboclo”, tendo como variável sua caracterização, sua localização geográfica e, fundamentalmente, seu modo único de vida, isolado da sociedade. A etimologia para caboclo é aquela dada por Câmara: “caboclo vem [do tupi] *caá*, mato, monte, selva, e *boc*, retirado, saído, provindo, oriundo” (MONDARDO, 2008, p.193). Logo, eram todos os não índios que literalmente *moravam no mato*. Muitas oferecem diversos tipos de termos carregados de preconceitos, no tocante a figura do caboclo, dificultando ainda mais as pesquisas relacionadas ao tema. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss caboclo é:

[...] 2 - o indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou acobreada e cabelos negros e lisos; (...); 4- qualquer mestiço de índio; 5 - indivíduo (esp. habitante do sertão) com ascendência de índio e branco e com físico e os modos desconfiados, retraídos; 5.1- caipira, roceiro, matuto [...] (HOUAISS, 2010)

Françoise e Pierre Grenand (MONDARDO, 2008), baseados em escritos que datam da segunda parte do século XVII, discorrem que o termo caboclo foi primeiramente usado pelos índios Tupi, para designar os seus inimigos que estavam nas matas em torno das tribos. Neste contexto, Teixeira afirma que os caboclos constituíam a última camada do tecido social

brasileiro dentro do regime econômico patriarcal, em particular a chamada camada de *homens livres* (TEIXERA, 1997, p. 321).

O caboclo é um tipo social resultante do longo e complexo processo de ocupação do território brasileiro, que envolveu diversas populações que delimitaram seus moldes de produção. Eles são realidades históricas presente em todo o Brasil. Essas populações que iam se miscigenando tinham uma situação em comum: eram camponeses pobres que, independentemente de raça, cor (branca, parda, negra ou amarela), buscavam uma inserção territorial que lhes garantisse a reprodução social e a sobrevivência através de seu próprio trabalho

Para Abramovay, a compreensão do perfil caboclo, bem como de seu modo de vida deve partir de sua maneira de viver e se reproduzir sob um sistema específico de ocupação/posse da terra, habitação, educação e elaboração cultural. (ABRAMOVAY, 1981) Ainda buscando delimitar o que é caboclo sob a ótica de Camargo (1999, *apud* MONDARDO 2007), temos que o caboclo é aquele indivíduo mestiço, resultante do cruzamento do branco com o índio, que habita casas de pau-a-pique e barro e dedica-se ao cultivo de cereais. É sóbrio, corajoso, se alimenta mal e é extremamente conformado com a vida que leva, buscando e mantendo pouca ou nenhuma inserção social no tocante ao seu modo de vida. Boyer (1999, *apud* MONDARDO, 2007), ressalta que o termo Caboclo é associado a referências culturais intimamente ligadas à história das suas origens. Ampliando o sentido de índio ou de mestiço de índio e branco, caboclo, para a população atual da cidade, designa geralmente o habitante do meio rural, qualquer que seja a sua origem, muitas vezes apresentando-o como crédulo e idiota. De fato, o uso do termo tem uma forte carga negativa. Denota a pouca consideração que se tem para com aquele que se qualifica (ou é qualificado) dessa forma, quando não torna explícito o desejo de ofendê-lo.

Em 1975, Pierre Monbeig, (*apud* MONDARDO 2007) realizando um estudo sobre o Brasil caboclo, assim caracterizou o mesmo:

O mestiçamento entre portugueses e índios deu em resultado um tipo de homem original: o mameluco, ou caboclo (...). Pescador na Amazônia e no litoral, criador no Nordeste e no Rio Grande do Sul, caçador de ouro de diamante no Brasil central e em Minas Gerais, desbravador amante da terra na qual não se fixa e que exaure com suas culturas sobre queimadas, o caboclo, com seu enorme chapéu de palha, andrajoso e descalço, é o autêntico camponês do Brasil. Sua casa não passa de uma simples cabana, às vezes feita, inteiramente, de folhas e de troncos de palmeira. Muitas vezes, também, é feita de terra batida, sustentada por varas entrecruzadas (casa de pau-a-pique). Mobiliário e louça ai se reduzem à sua expressão mais simples. O caboclo pouco produz e contribui quase com nada para o mercado interno. Seu baixo nível de vida faz dele um consumidor mesquinho. O próprio termo caboclo já perdeu muito seu significado antropológico, e está servindo para

designar o homem da terra, quer se trate de mulato, quer de mestiço de índios e de negros (cafuso e juçara), quer de branco. Resistente aos padecimentos físicos e acabrunhado pela enfermidade e pela subalimentação, corajoso, desconfiado, de uma religiosidade que o atira aos braços das mais extravagantes formas de misticismo, raramente alcançado por conhecimentos escolares, nada à vontade nas cidades, o caboclo representa um Brasil superado. Pelas suas cantigas, é ele o guardião do folclore, e tudo isso lhe confere uma certa auréola sentimental e artística. Entretanto, a sua passividade torna difícil a sua integração na vida moderna. Personagem dolorosa e cativante, o caboclo representa um peso morto para uma economia moderna (MONBEIG 1975, *apud* MONDARDO 2007).

As populações mestiças se colocaram como um tipo social que, em geral, serviam como força de trabalho assalariado aos fazendeiros. Sendo homens livres, a eles eram dadas incumbências de cultivar os alimentos ou gêneros de manutenção das fazendas, as quais se ocupavam em cultivar gêneros para exportação, tais como cana-de-açúcar e café (PRADO JUNIOR, 1987).

Assim, na antiga ordem escravocrata, os posteriormente conhecidos como “caboclos” eram agregados das fazendas. Executavam tarefas *residuais* ou *inferiores* na hierarquia social (carreiro, tropeiro, derrubadas de matas, etc.) que dificultavam o controle dos capatazes sobre os escravos oferecendo perigo de fuga. Eles eram a força de trabalho funcional ao sistema de produção.

Uma vez que eram dependentes de abrigo e trabalho, subjugados aos interesses dos fazendeiros, essas populações constantemente tentavam fugir desse cativeiro da terra. Buscavam terras livres onde pudessem cultivar e garantir a reprodução familiar de modo autônomo. (MARTINS, 1979)

Os caboclos resultavam da presença de populações de diversas origens étnico-raciais e geográficas que alimentaram as *frentes de expansão* responsáveis, segundo Martins pelo avanço de fronteiras, já que tais frentes serviam à “[...] incorporação de novas regiões pela economia de mercado”, no país. (MARTINS, 1979, p.43-50).

Assim, vamos sempre associar o caboclo ao homem do campo, do rural, do mato, do “sertão”, “Bicho do Mato” (ROMANI, 2009). Aquele que se revela contrariamente em relação ao homem urbano-industrial, vinculado aos avanços tecnológicos e à modernização ou racionalidade capitalista urbana, da sociedade da aceleração, do dinheiro, da perfeição. O caipira reproduzia sua economia através de cultivos, atividades criatórias, caça e pesca, baseada na subsistência familiar.

Por ser de subsistência, esta economia não contribuía com muito para o comércio até então, conforme as dinâmicas de mercado. Logo ele passou a ser alvo de estereótipos, tais como preguiçoso, indolente, pouco inteligente, um típico Jeca Tatu, como aduziu Monteiro Lobato, sendo retratado como figura prejudicial ao *progresso* (MONDARDO, 2008)

Abramovay delimita as origens do caboclo em três distintas vertentes:

- Agregados não absorvidos pelas fazendas da *região* e de diversos estados brasileiros, impulsionados à buscar abrigo em outros estados
- Imigrantes Europeus, vindo de outros estados brasileiros, que buscavam
- Combatentes na guerra do Contestado, buscando “sossego” nas matas do sudoeste (ABRAMOVAY, 1981, p.20-21);

O caboclo vivia de maneira simples, sem luxo ou riqueza material. Suas habitações, de madeira e chão batido retratavam este modo de vida único. Não possuíam escrituras para delimitação de suas terras. Um toco, uma pedra, um morro, era assim que era delimitada uma divisa de terra entre duas propriedades.

Nesse sentido, a inexistência de limites entre as terras estabelece relações sociais únicas entre os caboclos aqui residentes. Seguramente essas relações lembram uma certa cumplicidade de compadres – característica das relações de troca de regiões que sobrevivem da subsistência, sempre contando e dispondo de auxílio mútuo nas comunidades.

Enfim, para complementar a noção da identidade da pessoa do caboclo, cita-se Pocai:

Se pudéssemos caracterizar o caboclo de alguma forma, seria com certeza pelo seu silêncio. Em meio às matas, passando por banhados, formando carreiros e vizinhando com o homem branco, esse não fazia muito barulho, nem sequer construiu grandes construções, no máximo sabia fazer um paiol com teto de palha, uma soleira ou um fogão a lenha de pedra onde ficaria tomando chimarrão. (POCAI, 2011 p. 09)

Pela simplicidade da sua pessoa, não se admira o fato de sua identidade ser muito pouco citada ou lembrada no meio histórico do sudoeste paranaense. Porém de grande valia foi sua contribuição para a ocupação desta área, e por seu pensamento alheio ao capital, permanece esquecido, nas vagas lembranças de seus poucos descendentes.

### **Esquecimento da Memória Cabocla**

Conforme já observado, o modo de vida caboclo representava de fato um “empecilho” para o desenvolvimento econômico da região sudoeste do Paraná, sob a ótica capitalista, imperante nos imigrantes que se deslocavam para esta região. O perfil do caboclo não era de homem de negócios. Estava em busca sempre de sua sobrevivência, sem se preocupar com o acúmulo. Nestes termos referencia-se em Mondardo que:

A falta de habilidades dos caboclos no manuseio com o dinheiro, na lida com *relações capitalistas* (trazida pelos migrantes para a região), fazia com que, pouco a pouco, estes entrassem num violento processo de “exclusão social” e perda de suas posses. (MONDARDO, 2008 p. 14)

A própria concepção de agregação de valor da terra contribuiu para o esquecimento da memória do caboclo, pois este não compreendia o potencial econômico que a terra possuía, vendendo muitas vezes apenas por um valor simbólico de referência para a mesma. Além do que, segundo seu modo de vida, esta terra deveria estar em consonância com os elementos da natureza e o meio ambiente, e não com grandes plantações e pastagens. Assim, de modo geral, a falta de habilidade por parte dos caboclos no trato com as relações comerciais e ainda o poder dominante do padrão cultural dos migrantes, foram os dois principais fatores de expulsão dos caboclos da região do Sudoeste paranaense.

Além destes pontos Mondardo refere-se também aos elementos políticos, nos quais o caboclo também não possuía participação em relevância (MONDARDO, 2008, p.15). Bittencourt e Bianchini mencionam este fato, discorrendo que a participação política dos caboclos é baixa, quase nula. Alguns são sócios do Sindicato e um grupo menor à Cooperativa de Produção. A participação em grupos de produção é quase nula. Alguns têm acesso ao crédito da cooperativa, através do “troca-troca”, mas sempre em valores desprezíveis e, em sua maioria, nunca tiveram acesso ao crédito rural (BITTENCOURT, BIANCHINI, 1996, p.77-78). Apesar de apresentarem algum nível de alfabetização, eles sempre foram excluídos das informações sobre políticas públicas e da formação técnica, pois de fato não faziam questão de saber, ao se tratar de um elemento adverso à sua cultura.

Em suma, pode-se considerar que a medida que os migrantes provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina cresciam economicamente, cada vez mais a figura do caboclo era esquecida e marginalizada, pois os migrantes teciam relações com os meios dominantes na política, economia e sociedade. Não obedecendo ao padrão imperante, a figura do caboclo é constantemente marginalizada, bem como a sua exclusão da memória do sudoeste paranaense se deu pelo fato de ser esquecido da economia da época. Nesta ótica, segundo Mondardo:

Os caboclos foram excluídos das relações sociais trazidas por esta nova sociedade de migrantes que se estabelecia no Sudoeste paranaense. O convívio social, as relações econômicas, políticas e culturais, fizeram com que as relações (principalmente capitalistas) implementadas pelos migrantes “dizimassem” a cultura e o modo de viver do caboclo. (MONDARDO, 2008 p. 15)

Deste modo, a aceleração das relações capitalistas foi um dos fatores que mais contribuíram para a diminuição e, posteriormente, exclusão da sociedade cabocla no Sudoeste paranaense. Historiadores apontam o sudoeste como um grande vazio demográfico, esquecendo as figuras pioneiras.

É importante destacar também mais um ponto de importante relevância para o esquecimento da memória cabocla: sua concepção de trabalho, que apresentava diversas dicotomias dos ideais capitalistas. Até então o caboclo vivia normalmente, buscando na simplicidade de seu legado desenvolver apenas a sua sobrevivência. Não tinha idéia de mercado, acumulação, posses, fazendo com que a concepção eurocêntrica deixasse de fato o caboclo a mercê da sociedade, perdendo primeiro espaço físico, suas posses, e depois toda a sua memória e contribuição para a organização do espaço do sudoeste paranaense.

Assim conforme menciona Abramovay, a chegada dos colonos gaúchos e catarinenses no Sudoeste paranaense, a partir, sobretudo, no final da década de 1940, teve um efeito desagregador sobre a economia cabocla. (ABRAMOVAY, 1981, p.31) Em função da pressão desta chegada substancial de migrantes, o caboclo passou a não mais visar a sua produção sobre a terra, mas, sim, a venda sob direito da mesma.

### **Considerações Finais**

O caboclo não possuía um padrão socialmente aceitável pelos novos colonos que chegavam à região do sudoeste paranaense, oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Quando pousavam os olhos sobre ele, é certo que sua imagem não lembrava o progresso e o desenvolvimento trazidos pela visão eurocêntrica de concepção da sociedade. Nestes termos a própria produção científica associou-se a esta visão, deixando de lado o que fugia deste padrão. Associado aos poucos trabalhos científicos, nota-se um grande preconceito predominante no senso comum, comprovando a visão socialmente deturpada da sociedade em relação ao caboclo.

Convém reiterar a contribuição do caboclo, em primeira mão, como pioneiro. Ele que abriu as frentes de ocupação do sudoeste paranaense junto com os índios. Mas por não se encaixar num padrão socialmente aceitável, foi marginalizado, deixando de lado suas contribuições como figura pré-colonizadora do sudoeste paranaense.

Por fim convém mencionarmos que a busca pela eliminação do preconceito nas sociedades é um ponto importante, sempre debatido e apresentado pela mídia como assunto extremamente positivo. Através da educação, do ensino livre das amarras mercadológicas, é

que se pode livrar a sociedade destas práticas negativas da visão do caboclo, tão importante na história do sudoeste paranaense, e do próprio Brasil.

### **Referências**

ABRAMOVAY, Ricardo. *Transformações na vida camponesa: o Sudoeste do Paraná*. São Paulo, 1981. Dissertação de Mestrado em Sociologia, FFLCH/USP.

BITTENCOURT, Gilson Alceu; BIANCHINI, Valter. *A agricultura familiar na Região Sul do Brasil*. DESER - Departamento Sindical de Estudos Rurais. Santa Catarina, 1996.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Editora Objetiva Ltda, 2010.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1979.

MONDARDO, Marcos Leandro. *Os Caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído*. In: História em reflexão: Revista Eletrônica de História. Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008

PRADO JÚNIOR, Caio. *A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 3ª. ed., 1981.

POCAI Filho, Roberto. *Bichos do Mato: o sertão caboclo no sudoeste do Paraná*. 2011, Disponível em: < <http://pt.scribd.com/rpocai/d/55446436-Bichos-do-Mato-O-sertao-caboclo-no-sudoeste-do-Parana>> Acesso 15 de Fevereiro de 2012;

ROMANI, Bruno. *Imigração no Brasil, um retrato dos séculos XIX e XX*. 2009, Disponível em: [www.brazilexplora.com/online/magazine/ed75/print/page24.pdf](http://www.brazilexplora.com/online/magazine/ed75/print/page24.pdf)> Acesso em: 05 de Fevereiro de 2012;

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. *História do Paraná: Do século XVI à década de 1950*. Londrina: ed. UEL, 2002.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Da raça à doença em Casa-grande e senzala*. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. IV(2), pp. 231-43, 1997.

WACHOWICZ, Ruy C. *Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização*. 2ª ed. Editora Vicentina: Curitiba, 1987.